

FONTES FRANCISCANAS

III

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

VOLUME I



ISBN: 972 - 9190 - 91 - 7
Depósito legal: 106221/96

Composição e impressão nas Oficinas Gráficas
da Editorial Franciscana
email: edfranciscana@mail.telepac.pt

BRAGA – 1996

FONTES FRANCISCANAS

III

Santo António de Lisboa

Legendas — Sermões

Volume I

Editorial Franciscana
Braga – 1995-1996

APRESENTAÇÃO

No 8º Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa, depositamos nas mãos do público da língua guá portuguesa esta obra, há muito desejada.

Depois da Legenda “ Assidua “ e das que se lhe seguiram na Idade Média, muito se escreveu sobre o santo lisbonense, nomeadamente, a partir do século XVI, tanto em Portugal como no estrangeiro; porém, as obras vindas a lume, desde então até ao alvorecer de 1900, por repetitivas e mesmo, em numerosas, acrescidas de casos maravilhosos que a fantasia dos seus autores e, quiçá, a devoção popular, atribuíram ao incomparável Taumaturgo da Itália, França e Portugal, mereceram acre censura, entre outros, de Afonso Lopes Vieira, quando, em 1932, deu à estampa o seu “Santo António - Jornada do Centenário”.

Ultimamente e afortunadamente, a Crítica-histórica dedicou-se ao Santo com incontáveis estudos, assinados, dentre tantos, por Albert Lepitre, L. de Kerval, G. Benvenuti, A. Callebaut, G. Cantini, F. Delorme, V. Gamboso, Aloísio Gonçalves, Félix Lopes, Gama Caeiro, Pinto Rema, Cândida Pacheco e quantos trabalharam no Congresso Internacional “Pensamento e Testemunho”, celebrado, durante as Comemorações Antonianas, no Porto, Coimbra e Lisboa, de 25 a 30 de Setembro de 1995.

Nesta edição, damos a versão portuguesa das nove primeiras Fontes Agiográficas (séc. XIII-XIV) a fim de aperfeiçoarmos a imagem histórica do glorioso Taumaturgo, e também, a dos seus Sermões Dominicais e Festivos, que temos como a mais lídima “radiografia” de António de Lisboa, com a sua abundante e profunda Ciência Teológica e Mística ao serviço dos homens, quando perdidos pelos labirintos escuros do erro e do mal.

Iniciamos este I volume com a tradução das quatro primeiras Fontes Históricas: A Bula do Papa Gregório IX, a Vida Primeira, o Ofício Rítmico, a Vida Segunda e o Diálogo.

Em segundo lugar, neste volume, a tradução dos seus Sermões Dominicais, desde a Septuagésima ao 12º Domingo do Pentecostes.

Uma palavra final de homenagem e gratidão aos Tradutores das Legendas, à prestigiada Editorial Franciscana e a quantos devota e generosamente colaboraram nesta publicação, com relevo mui particular, ao conceituado antonianista dos nossos dias, Frei Henrique Pinto Rema, OFM, a quem devemos a quase totalidade das Introduções às Fontes e a tradução dos Sermões do proclamado pelo Santo Padre Pio XII “Doutor Evangélico” em 16 de Janeiro de 1946.

À glória e louvor de Deus Altíssimo no Seu e nosso Santo António de Lisboa, de Pádua e de “ todo o mundo”.

Porto, 13 de Junho de 1996

Frei António de Almeida Pinho, OFM
(Presidente da Comissão Franciscana do Centenário)

ENSAIO CRONOLÓGICO DA VIDA DE SANTO ANTÓNIO

Porque os mais abalizados antonianistas não conseguiram obter uma cronologia segura da vida do Santo lusitano, os quatro Ministros Gerais da Ordem Franciscana, reunidos em Roma, em 1986, decidiram seguir a tradição, aliás, nascida no fim do século XIII, de fixar o ano de 1995 como sendo o comemorativo do Oitavo Centenário do Nascimento de Santo António. Dúvidas surgiram em 1931, avolumadas em 1946, acerca do atraso do seu nascimento para ano à volta de 1190. Exames científicos aos seus restos mortais, efectuados em Pádua durante o mês de Janeiro de 1981, chegaram a conclusões idênticas às dos historiadores.

Apenas como indicativos, susceptíveis de ajustamentos e correcções, damos a seguir alguns dados cronológicos do nosso Santo António de Lisboa:

- *Por 1190, em dia e mês que não constam (embora fixados, no século XVII, a 15 de Agosto de 1195), nasce em Lisboa, em casa situada defronte da Sé, em cuja pia baptismal recebe o nome de Fernando;*
- *Até aos 15 anos, em casa dos pais, frequenta a escola catedralícia desde os 7-8 anos de idade;*
- *Por dois a cinco anos, crise da adolescência;*
- *Por 1208-1209, entra na Canónica-Mosteiro de São Vicente de Fora e faz-se Cónego Regrante de Santo Agostinho;*
- *Por 1210-1211, transfere-se para a Canónica-Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra;*
- *Por 1218-1219, recebe a ordenação sacerdotal em Santa Cruz de Coimbra e realiza, provavelmente, algum trabalho pastoral nas redondezas;*

- *Em 1219, tem um possível e provável contacto com os futuros protomártires da Ordem dos Frades Menores;*
- *Em 16 de Janeiro de 1220, dá-se o martírio em Marrocos de cinco Frades Menores, cujos restos mortais chegaram a Santa Cruz de Coimbra, breves meses depois;*
- *Na primavera de 1220, Dom Fernando faz-se Frade Menor e toma o nome de Frei António;*
- *No outono de 1220, embarca para Marrocos, onde permanece doente todo o inverno de 1220-1221;*
- *Na primavera de 1221, deixa Marrocos e tempestade no Mediterrâneo lança-o na Sicília, onde se acolhe no eremitério dos Frades Menores de Messina;*
- *No fim de Maio de 1221, participa no Capítulo Geral das Esteiras, reunido em Assis e presidido pelo Fundador da Ordem dos Frades Menores;*
- *De Junho de 1221 a Setembro de 1222, vive recolhido no eremitério de Monte Paolo (Emília) numa espécie de Noviciado não canónico;*
- *No dia 24 de Setembro de 1222, com alguma probabilidade, revela o seu génio oratório e sabedoria em Forlì, a 8 km de Monte Paolo, por ocasião de ordenações eclesásticas;*
- *Final do ano de 1222, inicia a vida apostólica;*
- *Final de 1223/começos de 1224, Frei Francisco de Assis pede-lhe que ensine Teologia aos confrades em Bolonha;*
- *Em 1224, encontra-se (por alguns dias?) com o Abade Tomás Galo em Vercelli;*
- *De 1224-1225 a 1227, desenvolve apostolado intenso no sul e centro da França: ministério da pregação em muita parte e magistério (Montpellier e Toulouse);*
- *No Capítulo do São Miguel de 1225 (?), é nomeado Guardião de Puy-en-Valey;*
- *A 30 de Novembro de 1225 (?), prega no Sínodo Nacional de Bourges e nele interpela com veemência o Arcebispo D. Simão de Sully;*
- *No Capítulo de Arles de 1226, é eleito Custódio de Limoges;*
- *Em 1226, funda o Convento de Brive;*

- *Ao fim da tarde de 3 de Outubro de 1226, morre, em Assis, o Fundador da Ordem dos Frades Menores;*
- *No Capítulo Geral do Pentecostes de 1227, em que participa, é eleito Ministro Provincial da Romagna-Emília;*
- *Em 1227, principia a redacção definitiva do seu Opus Evangeliorum ou Sermones Dominicales, a partir de apontamentos tomados para as suas pregações e para as suas aulas em Bolonha, Montpellier e Toulouse;*
- *Na Páscoa de 1228, prega em Roma perante o Papa, os Cardeais e muito povo. Gregório IX qualifica-o então «Arca do Testamento»;*
- *No Capítulo Geral do Pentecostes de 1230, sai nomeado membro da delegação que em Roma obterá do Papa a bula «Quo elongati» acerca da interpretação da Regra e do Testamento de São Francisco. Terá passado parte do verão desse ano na Corte Pontifícia e inspirado os termos da citada bula, que data de 28 de Setembro de 1230;*
- *Em 1230-1231, redige Sermões Festivos, a pedido do Bispo de Óstia, Arnaldo da Jene, que leva do Natal à festa de São Pedro e São Paulo, este já não concluído;*
- *A 15 de Março de 1231, o Município de Pádua assina um decreto de libertação de presos por dívidas, a pedido de Frei António, como vem expresso no texto;*
- *Na Quaresma de 1231, prega e confessa diariamente, o que lhe provoca cansaço e agrava o estado de saúde;*
- *Em Maio e Junho de 1231, passa uma espécie de férias em Camposampiero, junto a Pádua;*
- *Em fim de Maio de 1231 (?) desloca-se a Verona, junto de Ezzelino III da Romano, a pedir a libertação de prisioneiros guelfos, encabeçados por Ricardo, Conde de São Bonifácio;*
- *A 13 de Junho de 1231, adoece, no fim do almoço, em Camposampiero e morre, ao fim da tarde, em Arcella, subúrbios de Pádua;*
- *A 17 de Junho de 1231, terça-feira, fazem-se-lhe solenes exéquias e é definitivamente tumulado na igreja de Santa Maria de Pádua, realizando então os primeiros milagres, a com-*

provarem-lhe as virtudes que o adornavam e lhe conferiam a fama de santidade de que gozava;

- *A 30 de Maio de 1232, o Papa Gregório IX, que fora seu amigo pessoal, coloca-o no catálogo dos Santos, tendo decorrido a cerimónia na catedral de Espoleto;*

- *A 8 de Abril de 1263, o Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores, o célebre teólogo São Boaventura da Bagnoregio, ao proceder à trasladação do seu corpo para a Basílica do Santo, encontra-lhe a língua incorrupta e manda colocá-la em relicário;*

- *A 14 de Junho de 1310, mudou-se o túmulo para outro lugar da mesma Basílica;*

- *A 15 de Fevereiro de 1350, o Cardeal Guy de Boulogne mandou colocar o queixo em relicário. Na época começaram a distribuir-se relíquias do Santo: parte dum braço, uma das mãos, um dente, parte da túnica e dos cabelos. Fala-se, em ulteriores inventários, também em rádio, em dedo e em pele da cabeça. Parte do rádio veio parar, em 1968, à Catedral de Lisboa;*

- *De 6 de Janeiro a 15 de Fevereiro de 1981, realiza-se um segundo reconhecimento dos restos mortais do Santo e verifica-se que as cartilagens do aparelho fonador continuavam incorruptas.*

FONTES AGIOGRÁFICAS
MEDIEVAIS ANTONIANAS

Bula da Canonização
Vida Primeira ou Assídua
Ofício Rítmico
Vida Segunda
Diálogo
«Benignitas»
Legenda Raimondina
Legenda Rigaldina
Livro dos Milagres ou Florinhas

Introduções: *Frei Henrique Pinto Rema*, OFM

INTRODUÇÃO GERAL

Neste Oitavo Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa, apresentamos uma obra do maior alcance para uma correcta avaliação da vida do Doutor Evangélico e insigne Tautomaturgo.

Não se trata de edição crítica, à semelhança da feita, ultimamente, pelo franciscano conventual P. Vergilio Gamboso, mas de instrumento de trabalho e de pesquisa para os devotos do Santo e que dele queiram saber mais.

1. As Legendas do primeiro século antoniano

Enquanto se não publicam em edição crítica as últimas Fontes Medievais Antonianas, vamos avançar com Legendas do século XIII e primeiras do século XIV, ou seja, as mais próximas do nascimento do Santo, portanto, reflectindo com maior segurança o sentir dos seus Autores e do ambiente europeu e franciscano da época. Ei-las:

- I — *Bula da Canonização*
- II — *Vida Primeira ou Assídua*
- III — *Ofício rítmico*
- IV — *Vida Segunda*
- V — *Dialogo*
- VI — *«Benignitas»*
- VII — *Legenda Raimondina*
- VIII — *Legenda Rigaldina*
- IX — *Livro dos Milagres ou Florinhas*

Sem dúvida, a Vida Primeira, redigida para a canonização do Santo, acontecida a 30 de Maio de 1232, é a mais importante, aonde todas as demais vão beber. O Bispo de Lisboa D. Soeiro II Viegas, o informador da vida do Santo em Portugal, faleceu em Março de 1232, antes ainda da canonização. Como o seu anónimo Autor não conseguiu dados concretos da vida de Santo António em França, preferiu silenciar o facto.

O Ofício Rítmico e a Vida Segunda devem-se à pena de Frei Juliano de Espira, que terá escrito nos meados da década de 1230, tendo-se limitado quase só a melhorar o texto latino da Assidua, inclusive pondo em verso musical a vida do Santo, à semelhança do que já fizera para São Francisco de Assis. Lembremos já que o célebre responso Si quaeris miracula, por muito tempo atribuído a São Boaventura, foi composto e musicado por Frei Juliano.

Frei Crescêncio de Jesi foi eleito Ministro Geral no Capítulo do Pentecostes de 1244, celebrado em Génova. Tomou-se então a iniciativa de trazer ao de cima os feitos gloriosos de frades

insignes da renascença franciscana. Assim apareceu o Dyalogus de gestis sanctorum fratrum minorum, de autor anónimo, aliás pouco curioso e empedredor, pois se limitou a reproduzir a Assidua, mas resumindo-a. A 15 anos de distância da morte do Santo, factos e ditos dele haveriam de estar ainda na memória de muitos que o conheceram pessoalmente nos diversos locais por onde peregrinou nas suas andanças apostólicas.

A recolha de notas biográficas de franciscanos ilustres preocupara, de novo, os participantes no Capítulo Geral de 1276, reunido em Pádua. Treze anos antes, em 1263, trasladaram-se os restos mortais do Santo para a nova Basílica e, no acto, o Ministro Geral de então, São Boaventura, encontrara incorrupta a língua. Ao que parece, a acreditar em Arnaldo de Sarrano, o Ministro Geral Frei Jerónimo de Ascoli (1276-1279) teria encarregado o ex-Ministro Provincial de Inglaterra Frei João Peckham de compor uma vida de Santo António, “quamvis, quia alia erat scripta in Breviariis, multum non fuerit divulgata”¹. Será esta vida a identificada pela sua primeira palavra «Benignitas»? Ela recolhe testemunhos, memórias e prodígios do Santo desenrolados em Portugal, na França e na Itália, e Frei João Peckham teria sido o encarregado da sua redacção. Restam-nos fragmentos ou addenda à legenda Assidua.

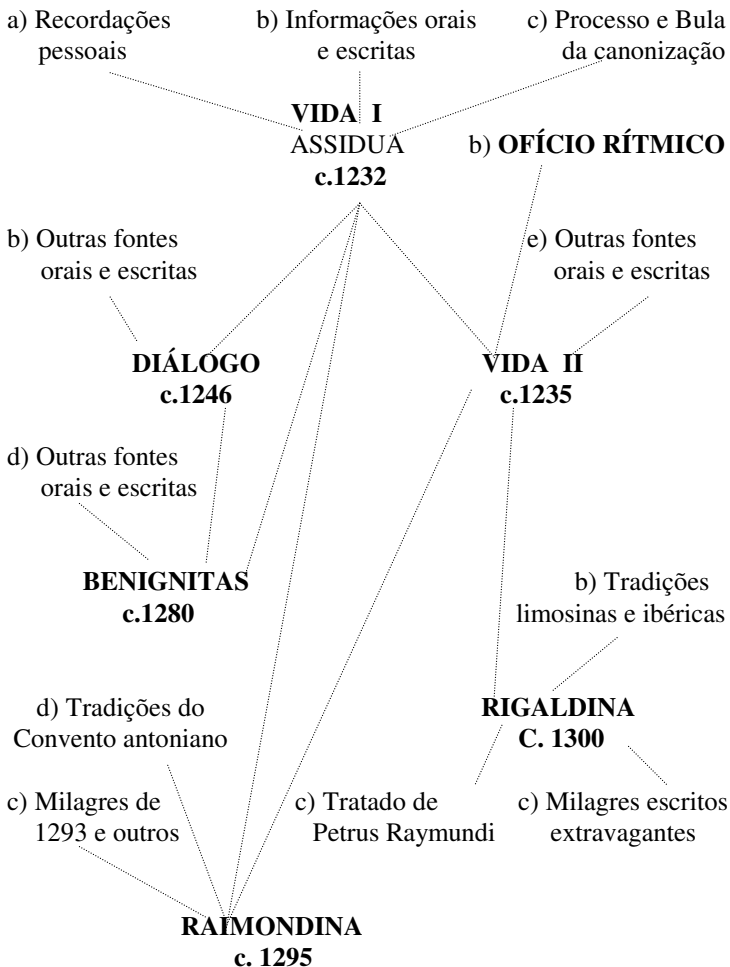
Ainda no século XIII haveria de surgir mais uma Legenda, a Raimondina, assim denominada pelo seu Autor, o francês de Toulouse, Pedro Raymond de Saint Romain (+ 1297). Também ela é resultado de iniciativa semelhante às anteriores, tomada no Capítulo Geral de 1292, reunido em Paris. Uma porção de retumbantes milagres sucedidos no túmulo do Santo, em 1293, despertaram para a feitura de mais esta Legenda. A nova biografia interessou minimamente a Ordem Franciscana para além do círculo restrito que a originou.

Com idêntica intenção de recuperar as tradições agiográficas regionais foi composta, no começo do primeiro quarto do século XIV, a Legenda limosina de Frei João de Rigauld, da Pro-

¹ Anal. Franc., III, p. 361.

víncia minorítica da Aquitânia, como fruto de iniciativa privada. Identifica-se esta Legenda pelo nome do seu Autor— Rigaldina.

2. Árvore genealógica destas seis Legendas



Pelos anos 1369-1374, aparece o célebre Liber Miraculorum, utilizado por Waddingo e publicado integralmente pelos Bolandistas, em 1698. Não pretendeu substituir a legenda oficial Assidua, mas completá-la, enriquecê-la. Enquadra-se na Chronica XXIV Generalium, onde se apontam personalidades e factos acontecidos desde o tempo de São Francisco até ao generalato de Frei Leonardo da Giffoni, eleito em 1373. Deve-se esta obra ao minorita Frei Arnaldo de Sarrano (Sarrant), da Província da Aquitânia. O capítulo dedicado a Santo António compreende 66 partes, quatro das quais referentes à vida do Santo e à sua canonização e as restantes, a milagres.

Outras fontes menores da época pouco ou nada adiantam a estas legendas, que têm realmente algum peso.

3. O que é uma “Legenda”?

O grande antonianista franciscano menor P. Frei Fernando Félix Lopes, em apêndice à biografia «S. António de Lisboa-Doutor Evangélico», explica assim a palavra “legenda”:

“A palavra “legenda”, embora na evolução léxica viesse a parar no termo “lenda” de sentido tão depreciado, significava nos tempos medievais a biografia de um Santo, escrita para ser lida (ad legendam) no Ofício litúrgico da sua respectiva festa e nas horas de colação monástica ou de devoção.

Assim escritas as Legendas, com intuítos de edificação religiosa, não há que procurar nelas mais do que aquilo que seus autores tiveram em vista, ou seja, ensinar que, se os Santos, apesar da sua humana fragilidade, quiseram e puderam (“querer é poder”) praticar as virtudes e viver a perfeição cristã, também os demais homens o podem fazer”.

“Mas sinceridade não falta nelas, aquela sinceridade que sempre os fiéis põem nos actos de culto”. “O falar simples, tão humano, tão ao natural, do autor da Legenda Assidua, escrita à raiz dos acontecimentos para ser lida por quem neles tomaria parte, seria leviandade desmenti-lo sem mais. A sua “verdade” impressionou de tal sorte os legendistas sucessivos até começos do

século XIV, que quase não fizeram outra coisa que copiá-la, resumi-la, alindar-lhe a frase ou acrescentar-lhe maravilhas que se contavam.

E quando o limosino Frei João de Rigauld, num devoto patriotismo tão compreensível, quis acrescentar o descritivo das actividades do Santo nos anos em que ele andarillhou suas terras do centro-sul da França, não se esqueceu de ir contando na Legenda que escreveu os cuidados que pusera na investigação dos factos para que a história lhe saísse certa.

E só então, sim, com o andar do século XIV, o taumaturgo dá de se agigantar em prodígios e [...] saem Livros de Milagres. [...] E a Legenda fica transformada em Lenda”.

“A Lenda geralmente não inventa os factos. Repensa-os com a imaginação criadora em que há estro poético, fervor de devoção e às vezes o disfarçado interesse de avantajjar o Santo ao lado dos demais”.

I

BULA DA CANONIZAÇÃO

«Cum dicat Dominus»

de 11 de Junho de 1232

Introdução e Tradução: *Frei Henrique Pinto Rema, OFM*

INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que, de alguma forma, a primeira nota biográfica de Santo António de Lisboa é a Bula «Cum dicat Dominus», do Papa Gregório IX, que o pôs no catálogo dos Santos a 30 de Maio de 1232, dia da solenidade do Pentecostes, quando a Corte pontifícia se encontrava na cidade de Espoleto.

É, pois, pela sua tradução que iniciamos este volume das Fontes Agiográficas Antonianas.

Gregório, Bispo Servo dos Servos de Deus

aos veneráveis irmãos Arcebispos e Bispos e aos dilectos filhos Abades, Priores e outros Prelados das Igrejas, que lerão a presente carta, saúde e bênção apostólica.

O Senhor, ao dizer pelo Profeta: Entregar-vos-ei a todas as nações para louvor, glória e honra ¹ e, por Si próprio ao prometer que os justos brilharão como o sol na presença de Deus ², quer significar que é piedoso e justo que louvemos e glorifiquemos na terra com a nossa veneração aqueles a quem Deus coroa e honra no céu com o mérito da santidade. Aquele que é eternamente digno de louvor e glória ³ torna-se mais louvado e glorificado nos Seus santos.

De facto, Deus, para manifestar de forma admirável o poder da Sua força e realizar com misericórdia a causa da nossa salvação, coroa sempre no céu os Seus fiéis e, com frequência, também os honra neste mundo, realizando sinais e prodígios que os tornam memoráveis. Por tais sinais e prodígios é confundida a maldade herética e confirmada a fé católica. Os fiéis, sacudida a tibieza espiritual, despertam-se ao cumprimento das boas obras; os hereges, removida a caligem das trevas em que se encontram envolvidos, abandonam os caminhos da perdição e retomam o caminho da salvação; os judeus e os pagãos, conhecida a verdadeira luz, correm ao encontro de Cristo, luz, caminho, verdade e vida ⁴.

¹ Sof 3,20.

² Mt 13, 43.

³ Dan 3, 45.

⁴ Jo 14,6.

Por isso, caríssimos irmãos, damos graças ao despenseiro de todas as graças, se não tantas quantas devemos, pelo menos quantas de que somos capazes. É que em nossos dias, para confirmação da fé católica e confusão da maldade herética, Deus visivelmente renova os sinais e emprega com poder as maravilhas, fazendo brilhar por meio de milagres aqueles que robusteceram a fé católica com o ardor das suas convicções, com a eloquência da sua palavra e o exemplo da sua virtude.

No número destes acha-se o bem-aventurado António, da Ordem dos Frades Menores, de santa memória. Enquanto viveu no mundo, possuiu grandes méritos; agora, vivendo no céu, brilha com muitos milagres, que demonstram de forma evidente a sua santidade.

Há tempos, o nosso venerável irmão o Bispo de Pádua e os nossos amados filhos o Presidente e os vereadores do Município, mediante legados seus e cartas cheias de humildade, suplicaram-nos que mandássemos recolher testemunhos dos milagres do Santo, a quem o Senhor concedeu tamanha glória, ao ponto de lhe dar a ciência da sua primeira estola imortal e evidente experiência da segunda, concedendo que no seu túmulo se realizassem grandes milagres. Assim, ele é digno de que sejam invocados os seus sufrágios entre os demais santos.

Embora para algum santo estar junto de Deus, na Igreja triunfante, baste só a perseverança final, conforme o que se lê: sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida⁵, todavia, para alguém ser considerado santo entre os homens, na Igreja militante, são necessários dois requisitos: a santidade da vida e a verdade dos sinais, ou seja, méritos e milagres. É necessário que estes dois requisitos se unam e se completem reciprocamente, dado que não bastam méritos sem milagres, nem milagres sem méritos para dar aos homens o testemunho da santidade. Mas quando genuínos méritos precedem e evidentes milagres sucedem, então possuímos um indício seguro de santidade, que nos levam à veneração daquele que Deus mostra ser digno de ser venerado por méritos prece-dentes e milagres subsequentes. Estes dois factos deduzem-se

⁵ Apoc 2, 10.

facilmente a partir das palavras do Evangelista: eles, porém, partiram e pregaram por toda a parte, cooperando com eles o Senhor, o qual confirmava a sua doutrina com os milagres que se lhe seguiam ⁶.

Por isso, resolvemos encarregar de recolher os testemunhos dos milagres do mesmo santo o citado Bispo e os dilectos filhos Frei Jordano, de São Bento, e a Frei João, de Santo Agostinho, Piores dos dois conventos dos Frades Pregadores de Pádua.

Há pouco tempo, porém, tanto pelo relatório dos citados Bispo e Piores, como pelos depoimentos das testemunhas recebidos sobre o assunto, certificámo-nos das virtudes de António e dos seus milagres insígnies. E tendo Nós próprio, um dia, apreciado a sua santidade de vida e as maravilhas do seu ministério, pois viveu edificadamente algum tempo connosco, depois de instantes e renovadas súplicas dos citados Bispo, Presidente do Município e seus edis, mediante delegados seus e cartas, com o objectivo de inscrevermos no catálogo dos santos o bem-aventurado António, a fim de que, por meio da nossa autoridade apostólica, como exige o ordenamento eclesiástico, fosse conferido na terra a digna honra a quem é honrado no céu, como se depreende dos sinais claros e argumentos evidentes.

Ouvido o conselho dos nossos irmãos (Cardeais) e de todos os Prelados existentes na Sé Apostólica, chegámos à conclusão de que deveríamos inscrever no catálogo dos Santos aquele mesmo que depois da morte corporal mereceu estar com Cristo no céu. Se permitiíssemos privar da devoção humana por mais tempo aquele que foi glorificado pelo Senhor, pareceria que de algum modo lhe tirávamos a honra e a glória que lhe eram devidas.

Portanto, segundo a verdade evangélica, ninguém deve acender o candeeiro e pô-lo debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, a fim de que todos os que estão em casa vejam a luz ⁷. Ora, o candeeiro do citado Santo de tal modo brilhou até agora neste mundo, que, por graça de Deus, já mereceu ser colocado, não debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro.

⁶ Mc 16, 20.

⁷ Mt 5, 15.

Por isso, Nós pedimos a todos, ardentemente vos admoestamos e exortamos, mandando por esta Carta Apostólica que despertéis salutarmente a devoção dos fiéis a venerá-lo. Vós, portanto, celebrareis todos os anos no dia 13 de Junho a sua festa e mandareis que ela seja solenemente celebrada, para que o Senhor, movido pela sua intercessão, nos conceda a graça no presente e a glória no futuro.

Nós, porém, desejando que o túmulo de tão grande Confessor, que ilustra toda a Igreja com os fulgores dos milagres, seja visitado com as devidas honras, a todos aqueles que verdadeiramente arrependidos e confessados e com a devida reverência o visitarem todos os anos na sua festa e durante a oitava, confiados na misericórdia de Deus e na autoridade dos Bem-aventurados Apóstolos São Pedro e São Paulo, concedemos benevolmente um ano de indulgência da penitência que lhes tiver sido imposta.

Dada em Espoleto, a 11 [uma das datas da versão oficial da Bula] de Junho de 1232, ano sexto do nosso Pontificado.